

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Fenómeno Chega: sintoma de um regime gasto, não cura para a sua decadência

Publicado em 2026-03-19 09:43:15



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

alimentado por décadas de desgaste, promessas falhadas e erosão de confiança no sistema político.

- PS e PSD alternaram no poder durante meio século, muitas vezes como administradores do regime e não como reformadores da democracia.
- A percepção persistente de corrupção, injustiça, impunidade e mediocridade institucional abriu espaço a uma força populista de ruptura.
- O Chega é consequência dessa corrosão, mas não representa uma solução virtuosa: é também agente activo de simplificação, ressentimento e demagogia.
- Quando o centro político falha durante demasiado tempo, o extremo ganha o privilégio de parecer novidade.
- O populismo prospera menos pela qualidade das suas respostas do que pelo vazio deixado pelos que prometeram governar melhor e nunca regeneraram o sistema.



para a sua decadência

Durante cinquenta anos, o centro político português foi gastando a confiança do país. O populismo apareceu depois, não como milagre, mas como filho tardio da desilusão acumulada.

Há quem olhe para o crescimento do Chega como se ele tivesse surgido do nada, como um acidente irracional, uma aberração súbita ou uma importação exótica de tempos estrangeiros. Essa leitura é cómoda, mas intelectualmente pobre. O Chega não nasceu no vazio. O Chega cresceu sobre terreno longamente preparado. E esse terreno foi sendo cavado, adubado e abandonado por décadas de promessas falhadas, governança medíocre, degradação moral do sistema e uma alternância entre PS e PSD que demasiadas vezes funcionou menos como confronto de projectos e mais como gestão rotativa de uma coutada política.

Isto não absolve o Chega. Pelo contrário. Apenas o coloca no seu lugar exacto: não como solução, mas como sintoma. Não como regeneração, mas como consequência. Não como

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Cinquenta anos de poder gasto

PS e PSD, com nuances e ciclos diferentes, dominaram a democracia portuguesa desde o pós-25 de Abril. Foram eles que herdaram o Estado, moldaram a administração, definiram as prioridades, criaram as redes de influência, ocuparam o aparelho, dirigiram a máquina e educaram o país no hábito da alternância sem verdadeira refundação. Em vez de regenerarem a democracia, habituaram-se a geri-la. Em vez de reformarem a fundo o país, preferiram muitas vezes a manutenção do equilíbrio de interesses, o compromisso morno, o adiamento conveniente e a cultura da sobrevivência.

Ao longo desse processo, foram-se acumulando frustrações de fundo: serviços públicos a perder robustez, reformas eternamente inacabadas, crescimento insuficiente, salários baixos, emigração de talento, justiça morosa, habitação asfixiante, burocracia persistente e a sensação cada vez mais enraizada de que o país era governado por elites que falavam em nome da democracia, mas se moviam como se esta fosse património próprio.

Quando um sistema político insiste durante décadas em prometer mais do que entrega, quando recicla linguagem reformista sem tocar nos bloqueios essenciais, e quando

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

apareça a encenar ruptura.

A corrupção percebida e a injustiça como clima

O populismo não precisa apenas de pobreza material. Precisa também de ambiente moral propício. E esse ambiente foi-se instalando em Portugal através da percepção persistente de corrupção, favoritismo, impunidade e desigualdade perante o poder. Não é necessário que cada cidadão tenha prova documental de cada desvio; basta-lhe sentir, repetidamente, que há uma distância obscena entre o discurso oficial e o funcionamento real do sistema.

Os dados mais recentes mostram que este problema está longe de ser imaginário. No Índice de Percepção da Corrupção de 2025, Portugal obteve 56 pontos e caiu para a 46.^a posição entre 182 países, descendo face ao ano anterior, segundo a Transparência Internacional Portugal. O Eurobarómetro de 2025, por seu lado, mostra que 69% dos europeus consideram a corrupção disseminada no seu país e 51% vêem-na como disseminada nos partidos políticos. Quando este tipo de percepção se prolonga no tempo, o regime não implode logo — apodrece primeiro. E é nesse apodrecimento lento que o populismo encontra o seu húmus.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

política raramente coincide com a factura moral dos erros cometidos. É aí que o eleitorado deixa de pedir excelência e passa a desejar castigo.

O populismo como falsa ruptura

Foi nesse vazio que o Chega cresceu. Não apenas por habilidade própria, embora a tenha tido, mas porque o centro político gastou quase até ao osso a sua autoridade moral. O partido soube apresentar-se como veículo de ruptura contra o “bloco central”, captar o ressentimento contra a corrupção, explorar a fadiga democrática, acenar com punição, simplificação e linguagem de confronto. E, num país saturado de promessas recicladas, isso bastou para muitos eleitores lhe concederem o benefício da raiva.

As eleições legislativas de 18 de Maio de 2025 foram eloquentes. A AD venceu sem maioria, o PS sofreu forte derrota e o Chega atingiu 22,76% dos votos, igualando inicialmente o PS em 58 deputados e tornando-se depois a principal força da oposição com 60 lugares após os círculos da emigração. A ascensão não foi apenas numérica; foi simbólica. Pela primeira vez, a arquitectura da alternância quase exclusiva entre PS e PSD ficou verdadeiramente ferida.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

simplificadora, punitivismo, exploração identitária e apelos emocionais que trocam complexidade por eficácia retórica. É por isso que o partido é, ao mesmo tempo, consequência e perigo: nasce da corrosão do sistema, mas pode aprofundar essa corrosão em vez de a corrigir.

Quando o centro falha, o extremo parece novo

A maior responsabilidade histórica de PS e PSD não é terem “criado” o Chega no sentido mecânico do termo. É terem criado, ao longo de décadas, as condições de possibilidade do seu crescimento. Quando o centro democrático se acomoda, se fecha sobre si, se confunde com o aparelho, se banaliza moralmente e governa como quem administra heranças em vez de construir futuro, acaba por abrir espaço a quem promete abalar a mesa — mesmo que o faça com martelo e não com inteligência.

O centro perde então a capacidade de se apresentar como correcção do descontentamento, porque passou demasiado tempo a produzir esse mesmo descontentamento. E, quando isso acontece, o extremo ganha algo perigosíssimo: o direito de parecer novidade, mesmo sendo pobre em substância.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

dissolvem no aparelho, de moralismo selectivo e de uma política que tantas vezes falou de povo como quem gere activos eleitorais.

Nem absolvição do regime, nem ilusão populista

O erro seria escolher entre duas cegueiras. A primeira cegueira consiste em fingir que o crescimento do Chega é apenas um fenómeno irracional, desligado da história concreta dos falhanços do regime. A segunda consiste em tratar o Chega como resposta virtuosa a esses falhanços. Nenhuma das duas leituras é séria.

A leitura séria é mais incómoda: o Chega floresce porque o regime o mereceu em parte, mas floresce também com um tipo de populismo que pode agravar a doença nacional em vez de a curar. É a colheita amarga de uma terra mal governada. E, como tantas colheitas amargas, traz veneno misturado com desforra.

Por isso, quem quiser compreender o momento português tem de ousar dizer duas verdades ao mesmo tempo. Primeira: PS e PSD falharam demasiado, prometeram demais, deixaram instalar-se demasiada mediocridade, desigualdade moral e lógica de aparelho. Segunda: o Chega

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

nele não é apenas o rosto de Ventura ou do seu partido. Vê também, reflectidos por trás, cinquenta anos de poder gasto, promessas gastas, justiça insuficiente, arrogância de regime e uma democracia que demasiadas vezes se deixou viver como costume em vez de se renovar como exigência.

Referências nacionais e internacionais

- **Reuters** — sobre as legislativas de 18 de Maio de 2025, a votação recorde do Chega e a ruptura da velha dominância partidária. ⁰
- **RTP** — resultados nacionais das legislativas de 2025, com a AD vencedora e a ascensão histórica do Chega ao nível do PS na noite eleitoral. ¹
- **Transparência Internacional Portugal** — Índice de Percepção da Corrupção 2025, com Portugal em 46.º lugar e 56 pontos. ²
- **Transparency International** — página oficial do CPI 2025 e ficha de Portugal. ³
- **Eurobarómetro 2025** — atitudes dos cidadãos sobre corrupção na UE, incluindo a percepção de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pela ascensão do Chega e da erosão da alternância tradicional.⁵

- **The Guardian** — análise do salto do Chega para principal oposição e do descontentamento com habitação, serviços públicos e baixos salários.⁶

- **Financial Times** — sobre a reconfiguração do espaço político português e a forma como o Chega capitalizou a crítica à corrupção e às elites instaladas.⁷

Frase final para reflexão

O Chega não é a cura da decadência portuguesa: é o filho político de cinquenta anos de promessas gastas, poder sem regeneração e democracia administrada como propriedade de família.

— **Francisco Gonçalves**, com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pode ser escondida atrás de retórica institucional, promessas recicladas ou apelos vazios à estabilidade. Mais funda do que uma simples alternância partidária, esta crise toca o nervo da confiança colectiva. Uma parte crescente dos portugueses deixou de acreditar que o sistema político responda com verdade, justiça e eficácia aos problemas reais do país.

O mal-estar não nasceu de um dia para o outro. Foi-se acumulando ao longo de décadas de promessas falhadas, governações sem coragem reformista, degradação de serviços públicos, escândalos, favores, impunidades selectivas e uma sensação persistente de que o poder se habituou a viver sobre si mesmo, como se a democracia fosse uma herança privada a administrar e não uma responsabilidade moral a honrar.

É nesse solo de cansaço, decepção e injustiça percebida que florescem os populismos. Não porque tragam necessariamente respostas sérias, mas porque sabem transformar a frustração em combustível político. Quando os partidos centrais deixam de regenerar a confiança, abrem caminho à raiva organizada. E quando a democracia deixa de parecer digna, qualquer força que encene ruptura pode

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O problema, porém, não se resolve nem com a continuação complacente do velho regime, nem com a entrega ressentida ao populismo demagógico. O que Portugal enfrenta é uma crise de credibilidade, de representação e de espessura democrática. E essa crise não será vencida com marketing político, com discursos de ocasião ou com a repetição exausta das mesmas figuras e dos mesmos vícios.

Os portugueses desconfiam porque aprenderam, pela experiência, a desconfiar. Desconfiam porque ouviram demais e viram de menos. Desconfiam porque lhes falaram de progresso enquanto o país emperrava, de justiça enquanto a desigualdade moral se alargava, de estabilidade enquanto a mediocridade se instalava como método. Essa desconfiança não é um capricho colectivo: é o retrato duro de uma democracia que falhou demasiadas vezes em merecer a fé dos seus próprios cidadãos.

A grande questão do nosso tempo político é, por isso, simples e brutal: ou o sistema se regenera com verdade, exigência e coragem, ou continuará a entregar o país à erosão lenta da descrença — até ao dia em que a revolta, cansada de esperar, escolha caminhos ainda mais perigosos.

Blogue Fragmentos do Caos





A verdade nasce onde o pensamento é livre.

GOVERNO que entra em crise e o próprio
contrato moral do país que começa a desfazer-se.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)